



El proceso I, José Antonio López Martínez

Éticas da incerteza: Aporias literárias e filosóficas

RICARDO GIL SOEIRO
Universidade de Lisboa

“É necessário aprender a navegar num oceano de incertezas através dos arquipélagos de certezas.”

Edgar Morin, *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*

Não deixa de ser curioso que, no quadro prevalecente de uma hiper-modernidade transparente, em que vigora a idolatria da certeza do progresso e da insidiosa disseminação da tecnociência que o escolta, se assista *à rebours* a uma plural multiplicação de títulos, designadamente provenientes das esferas humanísticas, que apelam, ou pelo menos fazem menção, a uma valorização da ‘incerteza’ no domínio do saber e do pensar, procurando semear as lições assimiladas na difícil arte do mundo.

Considere-se, a título meramente ilustrativo, o exemplo do mais recente livro do poeta e crítico Manuel Gusmão, *Tatuagem & Palimpsesto. Da Poesia em alguns poetas e poemas* (2010), preludiado pelo cativante pórtico “Incerta chama”.¹ Aí, procurando seguir o movimento flutuante e perpétuo da poesia, Gusmão serve-se da imagem “incerta chama” (em toda a sua complexidade e pluralidade de leituras), evocando os já de si muito sugestivos títulos *Aprendizagem do Incerto* (Lisboa: Litoral, 1990), de Silvina Rodrigues Lopes, e *Em Parte Incerta* (Porto: Campo das Letras, 2004), de Rosa Maria Martelo: “Falo de uma incerteza que é a contingência insaturável da escrita e da leitura, mas também um instável sistema de ecos e reenvios. Rodando sobre si mesma, a chama poderia tornar-se *O Claro Incêndio* e recordaria um inesquecível título de Ramos Rosa, *O Incêndio dos Aspectos*. Na câmara de ecos e na teia dos reflexos, a recordação e o chamamento unem na diferença a leitura e a escrita, e poderiam aqui dizer os gestos e as figurações de um método que, intermitente, se apaga e se acende, procurando entretecer os múltiplos fios de *uma análise dupla, lógica e histórica (estrutura e contingência)*, - a dialéctica e a dialogia, ou o primado do diálogo enquanto forma primitiva da linguagem (em acção)” (Gusmão, 2010: 10. Itálico do autor). Este princípio metodológico, de um gesto intermitente que se apaga e se acende, assinala a proficuidade de uma contingência que mina a aspiração excessivamente solar e desmedida de um saber absoluto totalizante que tudo pudesse aprisionar. Isto não quer significar, estou em crer, uma igualmente ingénua redenção perante as passivas consolações de um cepticismo corrosivo que, potencialmente, nos poderia imobilizar.

No âmbito desta medrante renovação do interesse sobre a *fenomenologia do incerto*, gostaria de me deter brevemente sobre dois livros recentes que amplamente comungam do vocabulário, da reflexão e da cosmovisão que este quadro heurístico patenteia: *The Ethics of Uncertainty. Aporetic Openings* (2009), de

¹ Manuel Gusmão (2010), “Incerta chama”, *Tatuagem & Palimpsesto. Da Poesia em alguns Poetas e Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 7-26. Este texto veio primeiramente a lume na Revista *Textos e Pretextos* (Outono/Inverno de 2008), no número 10 monográfico em torno de “Manuel Gusmão. Poesia e Crítica”, pp. 10-19.

Michael Anker, e *Considerações Incertas. Ensaio sobre linguagem, literatura e pintura* (2008), de Filomena Vasconcelos.

A primeira obra, de cariz marcadamente filosófico, compreende uma introdução, subdividida em quatro pontos logicamente estruturados, uma segunda parte em torno do aporético e do indecidível, na senda da obra de Jacques Derrida, uma terceira parte em torno da incerteza enquanto abertura para um pensar por vir, na senda da obra de Jean-Luc Nancy, uma quarta parte em torno do que o autor designa por fragmentos, contemplando a análise da obra de pensadores como Nietzsche, Kierkegaard, Deleuze, Heidegger e Schirmacher, a que se segue a conclusão, um apêndice (que consiste na correspondência de e-mail entre Jean-Luc Nancy e o próprio autor - Michael Anker) e, por fim, uma bibliografia final. O autor começa por explicitar a sua adopção do que designa por “estratégia filosófica ‘empírico-materialista’”, inspirada no pensamento de Nietzsche, Dewey e Deleuze. Em que consiste tal estratégia? Em última análise, e apoiando-se numa denúncia já efectuada por Žižek na sua célebre obra *A Marioneta e o anão*, o seu desiderato axial repousa numa rejeição da dimensão teológica mais ou menos pulsante nos interstícios das correntes pós-modernas, pós-estruturalistas ou desconstrutivistas. Significa isto que todo o elenco de palavras-chave de um certo pós-estruturalismo profético (para usar a expressão de John Caputo) com uma inegável ressonância ética - palavras como responsabilidade, dom ou alteridade - tem muito a ganhar se alcançar a sua concretização no mundo físico e material e não na esfera transcendental e metafísica. O que anima o autor é justamente o mundo enquanto mundo, e nada mais do que o mundo. Recorrendo a Jean-Luc Nancy, declara: “Here, with the words of Jean-Luc Nancy, we could say that our thinking will remain focused on a ‘sense of the world’ where ‘world is the spacing of sense.’ For Nancy, there is no outside the world - world is sense and sense is world. But all of this for us is not a limitation; it is a pure opening for thought in and of our being and becoming in this world. The world as such, world simply as world, is always already in absolute excess of itself in differentiation” (Anker, 2009: 9). É esta perspectiva materialista (que se pretende desligada, sublinhe-se uma vez mais, do coro de um certo filão levinasiano e derridiano, porventura já algo esgotado, pelo menos em algumas das suas apropriações mais tradicionais) que permitirá ao autor abraçar uma autêntica ética da incerteza, caracterizada pela valorização da experiência aporética do sentido e pela inapreensível complexidade e opacidade do nosso estar-no-mundo. Declara o autor em modo de *captatio benevolentiae*: “So I ask the reader once again to keep in mind that my intentions are not to follow the ‘democracy-to-come-deconstructionist-postsecular-Levinasian-respect-for-Otherness’ gang of thinkers, but more so to follow a trajectory which always remains faithful to na empirical materialist ‘in this world’ philosophy for politics, being/becoming, and ethics.[...] As you will see throughout this essay, I believe Derrida, Nancy, and perhaps most thoroughly the philosophy of

Wolfgang Schirmacher [...] provide a clear move or temporary passage (*poros*) out of the antinomies we face in a world without predetermined meanings or absolute measure. In fact, I believe along with Derrida, that it is only possible to live up to such things as responsibility and decision if one first ‘endures the aporia’ or ‘double bind’ which precedes, maintains, and follows any act of determinacy” (Idem, *ibidem*: 10). Parece-me, contudo, que, pela própria relevância que explicitamente o autor lhe confere, a obra *The Ethics of Uncertainty* poderia beneficiar de um tratamento mais exaustivo do pensamento de Wolfgang Schirmacher, pese embora Anker procure justificar esta lacuna (creio que com moderado sucesso) na nota de rodapé número 8 da página 10. Debruçando-se sobre a ética da incerteza e procurando, assim, encetar uma singular reflexão em torno do ainda-não-pensado e da liberdade enquanto absoluta possibilidade da possibilidade (sentem-se aqui numerosos e intensos ecos de Kierkegaard), o último parágrafo do livro que temos vindo a seguir explicita de um modo particularmente candente o objectivo central perseguido pelo autor: “In short, each time anew we must confront the aporias we face. Ethical possibility, or as Derrida would say, a decision worthy of being called a decision (and thus a ‘responsible’ decision), exists only in this uncertain terrain of contextual becoming - a becoming which be-comes not through the determined path of absolute knowledge or truth, but through the opening (Nancy) in the aporia of being itself. Aporias open us to freedom, the possibility of possibility, the place where, as Derrida has taught us, an ethical decision may occur. Allowing indeterminacy to exist in our becoming allows a continuous coming to be with others - a becoming always open to the ‘to come’ (Derrida) of the future. Aporias thus draw us toward the possibility of ethical becoming, the possibility of living an ‘ethical’ life in a world without absolute measure - an ethics, in other words, of uncertainty” (Idem, *ibidem*: 106).

A segunda obra que quero aqui compulsar em termos muito sumários intitula-se *Considerações Incertas* e elucida no próprio subtítulo que ostenta - *Ensaio sobre linguagem, literatura e pintura* - uma importante pista para o carácter interdisciplinar que o enriquece. Estruturalmente, o livro em apreço está dividido em três partes seguidas de uma bibliografia final. Antecedendo, porém, este tríptico formal, encontramos uma longa consideração sobre a incerteza (pp. 7-30) e uma nota sobre o livro (pp. 31-46). A primeira parte, “Fragmentos para uma história da linguagem e da poética”, contempla três estudos distintos: 1) Utopia, linguagem e poética no pensamento grego: dos pré-socráticos a Platão; 2) Os textos fundadores da poética ocidental: apontamento sobre a Poética de Aristóteles e suas seqüências e, por fim, 3) A semiótica de Ramón Llull: linguagem, lógica e ciência na *Ars Magna*. A segunda parte, intitulada de “Poética, crítica e retórica no século XX”, inclui duas secções: 1) eixos retóricos da poética. Desconstrucionismo e metacrítica em Paul de Man na leitura da temporalidade romântica e 2) Questões de linguagem e retórica na escrita de José Marinho. Por fim, a terceira e última parte procura examinar a

retórica na poética da pintura nas 1) linguagens do absurdo no teatro e nas artes do século XX e nas 2) histórias em desenhos tintas: sobre a dança em Paula Rego.

Na linha do que foi o seu anterior livro, *Imagens de Coerência Precária* (Porto: Campo das Letras, 2004), cujo ecoante título se acha irmanado com esta obra mais recente, Filomena Vasconcelos parte em demanda daquela chama incerta que ora se acende, ora se apaga, hesitantemente flutuando, furtando-se às algemas de um olhar excessivamente dogmático na sua exactidão inexpugnável e nas suas certezas cristalizadas. Alimentando-se de uma notável rede de referências literárias, artísticas e filosóficas (Roland Barthes, Keats, S. Coleridge, Samuel Beckett, Maurice Blanchot, Georges Bataille, G. Deleuze, J. Derrida, Hans Arp, Paula Rego, entre tantos outros), a autora demonstra com clareza e persuasão que, não raras vezes, o genuíno conhecimento se faz *a caminho* (*unterwegs*, sussuraria, porventura, Heidegger), navegando no oceano de incertezas de que nos fala Edgar Morin na citação inaugural da presente recensão (de resto, as palavras do filósofo e sociólogo francês constituem a epígrafe da “Nota sobre o livro”, p. 31). É justamente nessa nota, extemporânea, excursiva e profundamente necessária, que o leitor poderá encontrar uma convincente clarificação quanto à natureza e ao escopo do projecto que se assim se apresenta: “O texto aqui presente é assim duplamente um tributo e o registo escrito de um testemunho: pessoal, inteiramente subjectivo no gosto e no juízo que lhe subjaz, não isento de falhas e sujeito a refutações” (Vasconcelos, 2008: 34); assim se confessa a autora, aditando novo esclarecimento: “Trata-se de ‘considerações’ que são, além de tudo o mais, ‘incertas’. Em vez de pensamentos e conceitos sistemáticos, um esquema bem construído de argumentos e teses, as considerações exprimem antes uma forma de pensar, um roteiro de reflexões, como um mapa detalhado não só das grandes estradas mas sobretudo das vias secundárias, mesmo das vielas ou becos sem saída, quantas vezes em terra batida e mal iluminados” (Idem, *ibidem*: 34).

Em suma, pela acutilância das suas intuições desarmantes e pela opulência das diversas constelações teóricas (literárias e filosóficas) que as enriquecem, as duas obras aqui brevemente compulsadas constituem um guia seguro para o leitor aprender a navegar no oceano de incertezas a que as palavras de Morin aludiam. E creio que esta não é lição menor.

Bibliografia

- ANKER, Michael. *The Ethics of Uncertainty. Aporetic Openings*. New York/Desdren: Atropos Press, 2009.
- GUSMÃO, Manuel. *Tatuagem & Palimpsesto. Da Poesia em alguns Poetas e Poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *Aprendizagem do Incerto*, Lisboa: Litoral, 1990.
- MARTELO, Rosa Maria. *Em Parte Incerta*. Porto: Campo das Letras, 2004.
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*. Lisboa: Piaget, 2002.
- VASCONCELOS, Filomena. *Imagens de Coerência Precária. Ensaios breves sobre linguagem e literatura*. Porto: Campos das Letras, 2004.
- *Considerações Incertas. Ensaios sobre linguagem, literatura e pintura*. Porto: Campos das Letras, 2008.